

OS SETE SELOS

E o anjo tomou o incensário, encheu-o de fogo do altar
e o atirou à terra.

E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremotos.
Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas,
prepararam-se para tocar.

Apocalipse 8:5

I

Lara acordou abruptamente levando as mãos ao pescoço nu, ensopado de suor. O relógio na mesa de cabeceira piscava gigantescos números vermelhos que indicavam que faltavam vinte minutos para as seis da manhã e ela suspirou pela total falta de timing para ser perturbada por um pesadelo. Seus olhos se acostumaram vagarosamente à iluminação pálida do quarto de paredes brancas e ela esticou o braço direito para se livrar da pontada de dor que a incomodava no ombro todas as manhãs, religiosamente.

Fazendo mais força mental do que física, ela arrastou os pés para fora da cama e se encaminhou, esfregando os olhos, até o banheiro do outro lado do quarto. Seu rosto encontrou o espelho retangular pendurado logo acima da pia e ele lhe deu a imagem exata do seu estado de espírito: olhos inchados e exaustos e o cabelo curto despenteado e emaranhado, lhe dando a aparência de um morador de rua extremamente pálido. Sua mão direita bateu a parede de azulejos até encontrar o objeto frio e redondo que ela identificou como sendo a torneira de água quente. Meio giro fez a água cair e quebrar o silêncio incômodo das manhãs na casa.

Ela voltou para a frente do espelho e observou sua própria figura enquanto tirava a camisa velha que usava para dormir e a jogava no cesto ao lado da pia. Seus olhos descansaram na pilha enorme de roupas que estava acumulada dentro dele e ela o afastou com o pé como se pudesse fazê-lo desaparecer.

A fumaça que se acumulou no banheiro tirou Lara do seu devaneio matutino e ela entrou no chuveiro deixando a água escorrer pelo seu corpo, abaixando a cabeça e ficando em um estado semi-letárgico por minutos que pareceram horas. Sua mente foi vagarosamente invadida por uma sonolência quase incontrolável e ela girou a torneira de água fria que a atingiu com a eficiência de um tapa no rosto. A súbita reação do corpo a fez assumir um ritmo frenético e terminar o banho em menos de dez minutos.

O armário ficava do outro lado do cômodo, diretamente oposto à porta do banheiro. Com o cabelo ainda pingando, Lara se encaminhou para o armário e fez deslizar a porta branca revelando seu conteúdo.

Era quase tedioso. Ou seria mais certo dizer que era completamente tedioso. Mais ou menos setenta por cento de suas roupas era os uniformes de trabalho azul escuros e o restante era uma combinação de roupas compradas para uma série de ocasiões que nem sequer chegaram a acontecer. Ela suspirou e deu de ombros, passando os dedos por um vestido de seda tão novo quanto estava na loja. Lara não se incomodava tanto, afinal não era exatamente possível ter uma vida social “normal” fazendo o que fazia.

Usando uma das mãos, Lara fez escorregar de um cabide a camisa de botões e mangas curtas e a calça comprida. A camisa era decorada com botões dourados e uma das mangas continha um broche de ouro que mostrava um escudo com duas asas, uma espada e um cetro cruzados na parte de trás. Era um tanto ostensivo, mas Lara não podia deixar de sentir orgulho em usá-lo. O uniforme era completado por botas de cano alto pretas e um sobretudo da mesma cor.

Um movimento rápido e pouco vaidoso serviu para prender os cabelos pretos e Lara se encaminhou a passos largos para a cozinha. Ela não podia se gabar de ser boa cozinheira, na verdade quase sempre comia fora, o que contribuía para a patética variedade de utensílios espalhados nos escassos armários – novamente brancos – e no fogão que era raramente utilizado.

Lara abriu a geladeira e tirou de lá uma caixa de suco de laranja e uma fatia de pizza da noite anterior. Deu duas mordidas enquanto caminhava de volta para o quarto e abria a

gaveta do criado-mudo. Ela apanhou o cinto e suspirou ao ver o coldre de sua arma vazio. A lembrança de sua suspensão e os números vermelhos, que agora marcavam seis horas, a fizeram correr para a porta quase tropeçando e engasgando com o suco que ela apanhou logo antes de sair.

O dia estava chuvoso, como não era surpresa e Lara estava mais do que acostumada. O Audi prateado estava parado a poucos metros da entrada principal da casa. Quando ouviu o apito que indicava que a porta estava trancada, Lara correu até o carro que destrancou a porta com sua aproximação. Ela passou as mãos pelos cabelos para tirar os pingos de chuva e falou com a voz clara, mas extremamente desanimada.

-Torre Oval. – sua voz acionou a ignição do carro. Da parte central do painel, uma superfície lisa escorregou e outra se projetou para fora revelando uma pequena TV de plasma que mostrava em detalhes o caminho que o veículo percorreria em uma linha amarela viva. O Departamento de Segurança e Assuntos Internos da Agência já tinha feito uma tentativa de trancar os carros com uma quantidade restrita de locações, mas devido à quantidade de imprevistos e locações remotas às quais os agentes eram obrigados a ir, a tentativa tinha sido um vergonhoso e bem caro fracasso.

A Torre Oval ficava a menos de quinze quilômetros da casa de Lara. Era um prédio branco de vinte andares feitos de vidro azul do chão ao teto. O hall de entrada era sustentado por pilares brancos com uma série de frases terrivelmente nostálgicas. Entre eles, havia uma quantidade exagerada de estátuas de metal fosco que conferiam ao edifício um toque “comum”, o que era ridículo já que ele se destacava em cor e tamanho de todas as construções acinzentadas ao seu redor. Um jardim com uma fonte que agora estava desligada se posicionava entre a rua e a porta de vidro jateado de mais de três metros de altura, pela qual Lara passou para ganhar acesso ao interior do prédio.

A sala seguinte era tão branca quanto o exterior do prédio e não continha nada além de uma mesinha de metal pequena com uma ponta extremamente afiada que se projetava do topo. Lara se aproximou e tocou o pino com o dedo indicador direito e deixou que a minúscula gota de sangue molhasse sua superfície. O pino foi recolhido e a mesa desapareceu para dentro do chão branco enquanto Lara levava o dedo aos lábios para se livrar do sangue.

Segundos se passaram antes que uma voz feminina e metálica ecoasse no salão.

Bem vinda agente Carver. Você está em suspensão provisória. Tenha um bom dia.

Lara trincou os dentes. Parecia algum tipo de piada cruel que aquela voz irritante usasse as palavras “suspensão provisória” e “bom dia” na mesma frase. Ela podia imaginar o supervisor levantando os lábios em um sorriso enquanto observava sua figura solitária sendo repreendida por uma máquina, tudo do conforto do seu gabinete pessoal.

A voz serviu para abrir a porta de metal de mais de um metro de espessura, bem similar a de um cofre, e revelar o vasto salão com o chão de mármore negro e as paredes altíssimas. Por ele se espalhavam mesas bem parecidas umas com as outras, feitas de aço fosco e dispostas de forma extremamente organizada. Uma série de telas mostrava alternadamente locações ao redor do globo, anúncios de temperatura e clima, e recados dados pessoalmente pelo diretor da Agência, Nicholas Flint.

Nicholas Flint, ou Big Nick como era carinhosamente apelidado pelos agentes – sem, é claro, seu conhecimento – era um homem corpulento e alto, de olhos azuis claros e um espesso bigode loiro. Sua expressão era dura e ele dirigia a Agência com pulso firme, mas todos que o conheciam bem, sabiam que ele tinha vontade de ferro e um coração de ouro.

-Carver! – Lara virou a cabeça para encontrar a figura de pele clara e cabelos negros que abanava o braço freneticamente para ela. Ele correu em sua direção e parou a centímetros do seu nariz, forçando-a a se afastar dois passos para trás.

-George. – seus lábios se abriram em um sorriso amarelo. Não é que ela não gostasse do rapaz, mas ele tinha adquirido o pior hábito dos admiradores: o de se tornar sua sombra, carregando um sorriso típico de adolescentes abestalhados.

-Então, suspensa ainda? – Lara entortou o nariz diante da lembrança de sua suspensão e continuou andando em direção ao fundo do salão, com passos que George apresentava clara dificuldade para acompanhar. – Bem, não importa muito na verdade. Você acaba sendo muito útil fora do campo. Já considerou a possibilidade de virar analista? Eu acho que seria formidável e...

A voz de George começou a sumir e ficar parecida com um ruído metálico que logo se fundiu com o restante dos ruídos do salão. Ocasionalmente alguém gritava por Lara, ao que ela respondia distraidamente com um aceno de cabeça ou um sorriso breve.

A sala de Lara ficou a vista assim que um grupo carregando pastas passou por seu campo de visão como um estouro de animais assustados. A porta de correr de vidro, bem parecida com a da entrada, dizia em letras prateadas.

Agente Lara Carver

Antes de entrar, Lara girou o corpo meia volta e sorriu para o interlocutor, deixando a cabeça pender brevemente de lado como uma menina boba. George parou imediatamente de falar, hipnotizado pelo olhar de doçura que ela conseguiu fingir pelos olhos verdes e grandes.

-Conversamos depois então George? Muito o que fazer sabe?

George se limitou a concordar com a cabeça enquanto Lara entrava na sala e a porta fechava atrás dela. Ele impediu que a porta se fechasse usando uma das mãos e falou mais uma vez.

-Ah sim. O supervisor quer te ver.

Quando a porta terminou de fechar, Lara tinha certeza que a palavra supervisor estava batendo nas paredes como uma bola de borracha e logo iria atingir em cheio seu crânio. Se Big Nick era a própria personificação da justiça, Artur Knox era exatamente o oposto. Ele nunca queria ver Lara pessoalmente a não ser que fosse para repreendê-la ou mostrar seus erros em projeções holográficas gigantescas na sala de reuniões.

Corria um mito de que, na realidade, Knox não gostava de nenhum agente de campo porque ele mesmo nunca tinha passado nos testes quando era jovem. “Deus sabe há quanto tempo foi isso”, pensou Lara. Sendo verdade ou não, era um fato quase oficializado que havia uma agente em particular que Knox simplesmente odiava com cada osso de seu corpo magro e frágil. Felizmente – ou infelizmente – a única autoridade acima de Knox era o próprio Big Nick, que graças aos céus tinha Lara nos seus bons favores.

Embora isso a tivesse impedido de ser expulsa ao invés de suspensa, também parecia irritar Knox ao ponto de quase-explosão. Lara ficou parada na mesma exata posição em que tinha sido deixada tentando considerar todas as possibilidades de castigo que Knox podia lhe aplicar quando uma tela de quarenta e duas polegadas foi projetada na parede dos fundos. O rosto magro e branco, os cabelos negros lambidos para trás e o sorriso de dentes amarelos pareciam uma materialização irritante dos pensamentos de Lara naquele exato instante.

-Agente Carver – o homem da tela carregava sua voz com repulsa.

-Senhor. – a palavra quase fez Lara vomitar.

-Será que está se sentindo bem o suficiente para vir até aqui? Ou precisa de mais alguns minutos de descanso de sua noite de sono?

-Não senhor. Estou indo.

A tela desapareceu tão rápido quanto tinha aparecido e Lara sentiu, ainda que por pouco tempo, uma onda de alívio por ficar livre daquele rosto repugnante. Reunindo toda a paciência que tinha, ela saiu da sala e se encaminhou para o elevador no fundo do salão.

Um toque rápido em uma minúscula tela serviu para registrar que Lara Carver tinha acessado o elevador às 06:30 da manhã de uma terça-feira. Knox já devia ter autorizado sua subida, mas Lara esperou pacientemente até que o supervisor já tivesse se divertido vendo a figura da agente imóvel no elevador, antes que ele realmente começasse a se mexer.

O elevador se deteve no quinto andar e sua porta dupla abria diretamente nas letras metálicas que diziam:

Arthur Knox. Chefe de Análise e Supervisor Geral.

Lara suspirou antes de pisar fora do elevador que desceu rapidamente assim que ela o deixou. A porta à sua frente deslizou silenciosamente e ela ajustou o uniforme antes de entrar na sala.

O ambiente era tão desconfortável quanto podia possivelmente ser. Feito para intimidar quem quer que precisasse entrar ali. Tinha o formato de um corredor comprido com o piso escuro e paredes nuas, pontilhadas apenas por medalhas e certificados em exageradas molduras prateadas. As únicas duas janelas estavam cobertas por pesadas cortinas de veludo e bem ao fundo havia uma mesa de madeira escura completamente trabalhada. Uma extravagância do século XVIII que Knox deveria ter ganhado de presente de algum governante europeu.

Mas o que realmente deixava o cômodo espectral e desconfortável era o gigantesco quadro pendurado atrás da mesa que retratava Knox em uma posição de conquistador espanhol, a roupa preta abotoada até o pescoço e os dedos frios e magros posicionados sobre a cintura. Sua expressão de triunfo e desdém estampada sobre a pele de cera era bem parecida com a da figura de carne e osso – ou só osso – que estava sentada entre a mesa e o quadro em uma poltrona vermelha. Seus olhos negros esquadriharam cada centímetro de Lara antes que ela fosse convidada a sentar na única outra cadeira com um gesto do tipo que se faz para um animal.

A cadeira de metal dura e fria servia apenas como um lembrete aos visitantes de que era Knox quem mandava ali. Ele era superior. O sentimento estava impregnado na sala como um odor insuportável. Lara permaneceu imóvel na cadeira, incapaz de olhar nos olhos felinos de Knox até que ele projetou o corpo para frente e cruzou as mãos cadavéricas em cima da mesa.

-Então, Carver – sua voz soava como uma faca penetrando na carne do orgulho de Lara – como você já sabe, você está em observação graças às suas... peripécias do passado. – ele esperou a reação de crisar de lábios de Lara, mas não a teve então recostou o corpo de volta na cadeira – Hoje você poderá de fato ser útil. Coloquei você para acompanhar os novos analistas nos casos antigos, que você obviamente conhece tão bem. Você pode acompanhar as análises e entregar os relatórios para mim depois.

Relatórios. Era exatamente como pegar detenção no colégio. Lara sabia muito bem que sua suspensão não exigia tarefas deste tipo, mas ela podia ver o rosto de Big Nick com uma expressão cansada se ele tivesse que livrá-la de mais uma advertência por desacato. Contou mentalmente até dez e tentou forçar um sorriso. O resultado foi uma tosca entortada dos lábios que dava a entender que ela estava tendo um ataque.

-Vou pedir – continuou Knox – que alguém lhe acompanhe e me mantenha a par dos progressos.

Os pulsos de Lara cerraram com tanta força que ela achou que suas unhas fossem cortar a pele das mãos. Ela se levantou de um só movimento e quando sua voz saiu ela parecia estar engasgada.

-Vou ficar sob vigia?! Dentro da Torre?! – ela soou um pouco mais exaltada do que pretendia. Knox alargou o sorriso mostrando com clareza os dentes amarelos.

-Algum problema?

-Eu simplesmente não vejo necessidade. – foi a resposta mais educada que ela conseguiu pensar, embora sua voz ainda estivesse levemente esganiçada. Agradeceu por não ter se rendido ao instinto de atravessar a mesa e dar um murro na cara de Knox.

-Agente Carver – Lara quase revirou os olhos quando sentiu o sermão a caminho, mas manteve o controle – devo lembrá-la que você quase foi expulsa por comportamento arriscado? – “Não. Esse é um dia que eu não vou esquecer”. Foi o que Lara pensou. – Você tem sorte do civil ter sobrevivido ou estaria tão atolada em papéis de processo que nem sequer conseguiria se mexer até sua aposentadoria! – ele elevou o tom de voz, mas o baixou novamente antes que seu rosto ficasse tão vermelho que parecia a ponto de entrar em combustão espontânea. – Não é correto permitir que um elemento perigoso seja deixado sem observação.

O xeixo de Lara caiu. “Elemento perigoso”. Knox falava como se Lara fosse uma lunática armada, a ponto de explodir a agência com uma bomba caseira. Permaneceu calada, por longos segundos enquanto Knox esperava que ela dissesse algo inadequado.

-Já que estamos de acordo. – concluiu ele se levantando. – Pode começar às oito horas na sala cinco. Está dispensada.

Sem responder nem mesmo com um aceno, Lara virou o corpo de uma só vez e se encaminhou a passos duros para o elevador. Acompanhar analistas podia parecer um castigo leve, mas como o supervisor estava cansado de saber, era o inferno para ela.

O trabalho da Agência consistia em observar, investigar e eventualmente eliminar fenômenos que iam além do alcance da polícia comum. Era uma instituição secreta, ou ao menos tinha sido quando foi fundada há mais de 500 anos, e não respondia a ninguém além de si mesma. Hoje, a mídia, a curiosidade e o estranho aumento destes eventos tinha tornado o trabalho cada vez mais difícil de esconder do público geral. Mas de certa forma, eles eram bem sucedidos.

Lara era um dos agentes de campo responsáveis pela última parte do trabalho: eliminar. Era um trabalho perigoso, com uma perspectiva de vida curta, mas não era exatamente possível recusá-lo. E, além disso, Lara amava seu trabalho e ser forçada a trabalhar com analistas era simplesmente cruel.

A maior parte das manifestações ocorria em lugares religiosos, mas havia uma grande incidência em castelos, mosteiros ou casas muito antigas, lugares com alto nível de “memórias residuais”, como eram chamadas as concentrações de energia anômala que os analistas como Knox eram treinados para identificar. Doía no âmago de Lara admitir, mas o trabalho deles era muito importante e Knox era o melhor. Os analistas eram capazes de saber exatamente de onde vinham as manifestações e quando isso não acontecia eles passavam horas diminuindo o raio de influência das energias e cruzando referências com casos antigos ou considerando locais prováveis onde elas pudessem acontecer.

Quanto melhor o analista, mais ele conhecia sobre a capacidade de cada lugar de sustentar energias e menos tempo ele levava para identificar a fonte. Knox já tinha sido capaz de reduzir uma manifestação de Roma inteira para uma pequena igreja escondida entre prédios antigos em apenas quatro horas. Assim que as fontes eram determinadas, os agentes eram enviados.

Não era possível simplesmente se tornar uma agente de campo. Eram necessárias uma série de habilidades que só podiam ser adquiridas com treinamento árduo e outras que não podiam de forma alguma ser adquiridas. Era preciso nascer com elas. O número restrito de agentes disponíveis só servia para aumentar a indignação de Lara por estar se dirigindo à sala 5 naquele momento.

A Torre Oval tinha oito salas subterrâneas, distantes da influência de qualquer rastreador, escuta ou outro aparelho que pudesse comprometer a informação que era compartilhada nelas. Duas delas eram usadas para reuniões gerais, uma para assuntos internos e o restante para os trabalhos de análise que ocasionalmente ficavam bem

“ruidosos”. Não era raro que uma das salas ficasse reservada para estudos de casos antigos, pois já tinha sido provado uma boa quantidade de vezes que os casos do passado eram mais do que eficazes em ajudar a solucionar os problemas do presente. Sem dúvida Knox tinha preparado uma coletânea interessante para aquela sessão em especial, tendo Lara como estrela. E não de uma forma positiva.

Ela batia os pés nervosa enquanto esperava que o elevador de portas de vidro chegasse. Alguém o estava mantendo preso no segundo andar e ela pressionava o botão continuamente como se isso pudesse ser de alguma ajuda.

Finalmente ficou audível que o elevador estava se movimentando e Lara se afastou um passo para trás, soltando um suspiro. Quando a porta dupla se abriu, um homem de pele escura de mais de um metro e oitenta de altura estava imóvel com os braços cruzados, parecendo uma estátua em vida. Quando ele não fez menção de sair e depois de certa hesitação diante da figura terrivelmente grande, Lara deu um passo para dentro e levantou o rosto para o computador acima de sua cabeça, lançando um último olhar ao homem-armário.

-Lara Carver. Segundo Subsolo.

-Bom dia Agente Carver.

-É, é. Só se for para você. – murmurou. Seus olhos concentraram-se nas paredes de vidro e nos arredores claros do salão principal sendo substituídos por paredes enquanto o elevador se movia a uma velocidade impressionante. Logo, um longo corredor de paredes cinzas monótonas ficou visível diante dela, iluminado por lâmpadas de luz fria que atravessavam o teto a intervalos regulares.

Os olhos de Lara voltaram a observar, vagarosamente, o homem gigantesco parado atrás dela. Sua postura e expressão eram as mesmas e ela sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha. O sentimento foi consideravelmente agravado quando ela saiu do elevador e ele a seguiu como uma sombra gigantesca.

Todas as salas do lado esquerdo do longo corredor estavam fechadas e apenas as do lado direito estavam com as luzes acesas. Lara procurou o número “5” gravado na porta transparente de vidro jateado e entrou. Quando o homem entrou atrás dela, Lara girou em um calcanhar e perguntou, a voz saindo furiosa:

-Posso ajudar?

Em uma expressão impassível e com a voz retumbante ele respondeu.

-O Senhor Knox me designou para acompanhar a Agente Carver hoje. Estou errado em presumir que é você?

-Ah Deus! – Lara ergueu as mãos para o céu em um claro sinal de impaciência. – Não, não está errado. Faça como quiser então. – ela tornou a girar, desta vez para encarar o grupo que seria seu durante a tarde. Dois rapazes, que não deviam ter mais de dezoito anos e uma jovem que parecia ainda mais nova, tinham os olhos fixos em uma mesa de projeção no meio da sala, em volta da qual se posicionavam uma série de cadeiras. “Meu Deus eles ficam mais novos a cada ano.”

Lara abriu a boca para falar quando um dos rapazes virou o rosto para ela. Ela pôde ver o brilho se instalando nos seus olhos castanhos quando ele se adiantou na sua direção e levantou o braço, estendendo a mão energicamente.

-Lara Carver! É sinceramente um imenso prazer conhecê-la! – enquanto ele sacudia a mão de Lara, sua outra mão era usada para ajustar os óculos de aro grosso.

-Ah – ela parecia um tanto desconcertada – obrigada. – foi só o que conseguiu dizer. Os outros dois se aproximaram e Lara recuou para a porta como uma presa acuada até trombar com o agente gigantesco.

-Ei Tropeço – resmungou. – Se importa?

O homem murmurou algo desagradável e foi se posicionar no outro canto da sala. Os outros dois jovens repetiram o aperto de mãos enquanto cantavam os louvores de Lara.

-Ah sua atuação em St. Paul foi simplesmente brilhante! Trabalho de gênio realmente! E em Paris, no ano passado? Até hoje tenho calafrios de ouvir a história.

Lara sorriu sem graça. Bem, acho que é certo presumir que Knox não teve tempo de falar com eles.

-Eu agradeço imensamente. – disse ela tentando recuperar a postura rígida. – Entendo que não sou a pessoa mais indicada para fazer trabalhos de análise, mas é melhor começarmos não é? Não há um minuto a perder.

Os jovens concordaram rápida e energicamente. Lara estava simplesmente tentando fazer com que aquilo acabasse o mais rápido possível, mas eles pareciam ter tido a impressão errada de empolgação e ficaram de pé esperando instruções. Ela esperou alguns segundos antes de perceber que teria de tomar a atitude de iniciar uma lição contra ela mesma.

-Tudo bem então. – Lara andou até a mesa de projeção, posicionando-se do lado oposto da porta e remexendo em uma quantidade de discos transparentes que estavam gravados com números brancos. Ela conhecia todos de cor. Em todos ela estava presente de uma forma um tanto desastrosa.

O número era consideravelmente grande e isso deixou Lara desanimada e envergonhada por alguns instantes. Ela deu um suspiro e lançou um olhar para o homem grande no canto da sala. Suas mãos deslizaram pelos arquivos e ela tirou um dos discos levando-o ao pequeno orifício quadrado perto da mesa. Assim que o aparelho reconheceu o arquivo, lançou uma imagem tridimensional do interior amplo e fantasmagórico de uma igreja. Não era enorme, tampouco era modesta.

Lara não demorou a reconhecer sua imagem, a bela arma prateada nas mãos, o uniforme azul marinho parecendo preto, andando cuidadosamente pelo interior do local. A projeção se aproximou dela, quase como se tentasse deixá-la ainda mais desconfortável. Havia dois outros agentes atrás dela, andando quietos como tigres, todos preparados para atirar. Lara pôde ver de relance sua expressão de ansiedade quando a projeção mostrou seu rosto iluminado pela luz que entrava por um dos vitrais na lateral da igreja.

A projeção não tinha sons, mas Lara viu seu rosto se virar bruscamente e se lembrou do estalo que tinha atraído sua atenção naquela noite. Os outros agentes imitaram o seu movimento, erguendo as armas na altura dos olhos, girando o corpo violentamente em todas as direções.

E então um deles foi ao chão.

Suas mãos largaram a arma que girou para longe e seu corpo começou a convulsionar de forma horrível, contorcendo-se, seu rosto em uma expressão de agonia excruciante. Lara pensou que o projetor não fazia jus ao que realmente tinha acontecido. Não só ele não mostrava de forma nítida o rosto do homem, como escondia a pior parte: os gritos agonizantes, penetrantes, capazes de fazer vidro se estilhaçar. Os olhos dele ficaram brancos e Lara pôde ver sua imagem holográfica dando ordens para o outro homem aos berros.

Ele se aproximou e foi atirado para longe por alguma força invisível. Seus braços bateram contra uma coluna e ele se contorceu de dor, mas logo estava de pé novamente. Lara apanhou algo do bolso e colocou no chão agarrando o outro agente e correndo para longe, jogando-se atrás dos bancos de madeira da igreja, perto da porta alta.

No vídeo, nada parecia ter acontecido. O único sinal de mudança foi que o homem deu um berro final e caiu no chão inerte, completamente imóvel.

-Aquilo era... – a voz da jovem na sala cinco era quase rouca.

-Sim. – Lara limitou-se a responder.

Eles voltaram novamente o olhar para a projeção e viram Lara correndo em direção ao homem que estava no chão agora. Ela o sacudiu, chegou os ouvidos perto dos seus lábios para ver se estava respirando e finalmente deu um soluço de desespero enquanto era

tomada por uma paralisia momentânea. O homem permaneceu inerte pelo que pareceram horas enquanto os quatro rostos encaravam a projeção tridimensional que dominava a sala. Lara tinha os olhos baixos e podia sentir o sangue subindo para o rosto.

Quando o outro agente se aproximou, o que estava deitado se levantou bruscamente e parecia desorientado. Seu corpo começou a cambalear e ele tropeçava como um bêbado enquanto levava as mãos aos cabelos, puxando-os de forma violenta e insana. Seus olhos se reviraram e ele tentou atingir Lara com um soco, mas ela se desviou com facilidade. Por um tempo ele permaneceu daquele jeito, como um homem dominado pela loucura e parecia querer destruir tudo a sua volta. Chutou os bancos de madeira, derrubou uma imagem do altar e tentou atirar algo na vidraça, algo que não era possível ver.

Lara desligou o projetor. Ela suspirou diante da expressão de assombro dos três jovens analistas que a encaravam completamente incrédulos.

-E então – ela falou, mas percebeu que a voz estava fraca e então se recompôs. – Digam-me o que viram de errado. – ela se sentia bastante estúpida no momento, mas fez o melhor para não demonstrar.

Os três se entreolharam, parecendo buscar no rosto um dos outros autorização para expor o erro óbvio de uma oficial tão superior. Lara percebeu a dúvida e apontou o dedo na direção de um dos rapazes, de cabelo loiro cacheado.

-Você aí. Diga.

Ele hesitou, mas cedeu diante do olhar fulminante dos olhos de sua tutora.

-Bem – ele parecia escolher as palavras com um cuidado excessivo – Havia uma quantidade enorme de energia naquela sala. Cores intensas e escuras. Menos ao seu redor, você estava protegida, ao que tudo indicava. Estava usando um escudo?

Lara assentiu.

-Bem, os outros não estavam. O homem que foi ao chão, ele foi tomado se não me engano. Por um Dominador não é? – ele não esperou a resposta de Lara – Seu corpo estava sofrendo os efeitos da união com um elemento de energia tão forte. Ele estava enfraquecendo rápido demais. E a primeira coisa que você pensou, Agente Carver, foi em tirá-lo dali? – sua pergunta era feita com um tom de espanto que Lara foi obrigada a ressentir, mas ainda assim ela fez que sim.

-Então você usou uma arma de expulsão, forte demais para o propósito se me permite dizer e quase o matou. – o rapaz parecia ter medo de apanhar quando terminou de falar, mas Lara apenas baixou os olhos novamente.

-Está certo. Alguém pode me dizer porque?

Foi a vez da menina de falar.

-Se a ligação entre os dois estivesse forte demais, se o corpo do agente não pudesse reconhecer sua própria consciência, quando o elemento fosse expulso ele interpretaria como morte dele mesmo. Não sobraria nada além de uma concha vazia. Era necessário se utilizar de um método mais sutil, talvez até um diálogo pudesse funcionar.

Lara sorriu pelo canto dos lábios.

-Tem razão. Ele ficou violento e confuso por dias. Não podia chegar perto de ninguém, não podia encarar imagens claras demais ou muita luz. Achamos que ele tinha ficado louco. Ele ficou confuso, perdido entre as duas consciências.

-E o que aconteceu com o elemento?

-Queimamos o lugar. Com fogo azul, claro.

-Entendo. – respondeu a jovem.

O fogo azul era capaz de consumir um prédio inteiro em chamas furiosas e azuladas sem que fosse visto por nenhuma pessoa exceto os agentes. Era bom para se livrar de Dominadores, elementos que se possuíam da mente e de certa forma da alma de seus hospedeiros, tornando-os escravos de sua vontade. Para outros tipos porém, o fogo podia só atrapalhar.

-Agente Carver, porque fez aquilo? Não sabia que ele podia morrer?

-Sim eu sabia. – respondeu Lara desanimada – Quando Dominadores se apossam de corpos de agentes, é perigoso para todos os demais. O hospedeiro fica tão consumido por ódio que é capaz de qualquer coisa. E ele não difere os amigos dos inimigos. Lembrem-se que o pior inimigo é aquele que não tem nada a perder. Um Dominador não é brincalhão, nem lento. Ele é simplesmente letal. Acho que pensei na segurança de nós dois quando tomei a atitude que poderia resolver o problema mais rápido.

A explicação não parecia ter satisfeito a curiosidade de seus ouvintes, mas Lara deu de ombros e pegou outro disco, um dos muitos que não estava numerado, posicionando-o novamente no aparelho conectado ao projetor tridimensional. A imagem demorou a se formar, mas lá estava novamente, tão realista que era assustadora. Desta vez, mostrava claramente o interior de um palácio, iluminado pelos lustres de cristal pendurados no teto. As paredes estavam cobertas por janelas espelhadas, fazendo o salão parecer centenas de vezes maior. Um antigo truque de arquitetura barroca, bem apreciado pelas famílias imperiais.

Desta vez, não foi Lara que andou na frente. Era um homem, alto e com um rosto relativamente bonito. Seus cabelos eram loiros e estavam presos em um rabo de cavalo que ele sacudiu quando um vento inexplicável o levantou no ar. A expressão dos três aprendizes na sala era de ansiedade, nenhum deles parecia respirar. Lara sabia bem o que eles estavam vendo: a energia pesada que invadia o ambiente como uma névoa densa e impenetrável envolvendo cada centímetro do aposento.

O homem andou para o meio da sala, examinando-a com os olhos atentos. Ele carregava a mesma arma, prateada, coberta de detalhes que a faziam parecer decorativa e não feita para um combate verdadeiro. Lara prendeu a respiração: ela sabia exatamente que vídeo era aquele, não tinha muito tempo que tinha sido gravado, talvez dois meses. Ela não se lembrava direito devido às semanas que se seguiram de deliberação sobre a sua suspensão ou possível expulsão. Seu corpo tremeu de raiva quando ela se lembrou das acusações ridículas que Knox tinha feito.

Repentinamente o homem se moveu. Não gentilmente como vinha fazendo, mas com tensão e susto. Seu corpo girou em direções variadas e os três analistas se aproximaram da projeção, quase tentando tocá-la.

-Estão vendo? – falou a mulher. Era comum que as mulheres percebessem as oscilações primeiro. Os dois outros se aproximaram ainda mais, apertando os olhos como alguém que tenta ver algo à distância. O rapaz de cabelos louros arregalou os olhos.

-Ali! – ele apontou e tocou a projeção. Seu dedo prejudicou a imagem por alguns instantes e ele se afastou parecendo envergonhado. O lugar onde seu dedo tinha estado não aparentava nenhum movimento visível, mas logo ele se repetiu. Uma onda elétrica levemente azulada piscou por um segundo e desapareceu. Pouco tempo depois ela piscava em uma outra direção, apenas alguns metros para trás.

Depois mais uma vez.

E outra.

O agente tentava acompanhar o piscar das luzes azuladas, mas elas eram rápidas demais. Lara tocou o vídeo e arrastou suas mãos para trás, fazendo-o desacelerar. O piscar das luzes se tornou mais lento e ficou mais do que claro que não eram luzes. Agora era possível ver formas distorcidas que pareciam feitas de gel, delineadas no formato de um nariz, uma boca, e todos os outros elementos que compunham um rosto. Mas não era um rosto comum. A proximidade e velocidade do vídeo deixavam bem clara a expressão de malícia no rosto delineado pelas sombras e luzes. Os olhos eram zangados e a boca contorcida em um sorriso perturbador.

Lara se afastou e a projeção voltou à velocidade normal, mostrando novamente o agente confuso. Ele levou a mão a um cinto e jogou no fundo da sala uma esfera de vidro

que se quebrou com facilidade, espalhando uma névoa branca que começou a cobrir o salão. Não era podida ver seu rosto, mas Lara sabia que naquele momento ela tinha gritado.

As janelas espelhadas começaram a estourar, vindas do fundo para a porta, como se estivessem sido simultaneamente quebradas por forças impossíveis de se deter. O agente cobriu os olhos com os braços e correu para a porta que estava escondida por trás da região que a projeção conseguia cobrir. A jovem analista arregalou os olhos quando viu algo se mexer no fundo da sala, se arrastando como um ferido de guerra. Ela apertou os olhos para tentar discernir a forma, mas seu esforço foi interrompido pelo súbito desaparecimento da imagem.

Lara estava parada perto do projetor, as mãos ainda nos comandos de desligar. Sua expressão era perturbada e seus olhos estavam fixos no chão, ela nem sequer piscava. O agente gigante que estava parado no canto da sala se endireitou e caminhou em direção a ela, mas ela o censurou erguendo uma mão, os olhos ainda fixos no chão à sua frente. Os analistas se entreolharam um tanto confusos enquanto ela passava as mãos pelos discos transparentes, procurando outra solução.

-Agente Carver...- um deles tentou começar, mas ela o interrompeu.

-Não precisamos ver todos. Acho que vimos o suficiente daquele ali. – ela indicou com a cabeça a direção onde o disco agora repousava enquanto seus dedos continuavam a percorrer suas opções. Ela nunca sentira tanta raiva de Knox quanto naquele momento. Bem, talvez uma vez.

Lara sabia bem a consequência de ter impedido que um dos vídeos fosse mostrado. Knox ia lhe dar uma lição bem extensa sobre profissionalismo e saber reconhecer os próprios erros, aprender com eles e toda aquela baboseira, mas ela sabia bem que seu único propósito era a humilhação absoluta. Não importava o castigo, ela não ia continuar aquela gravação. O gorila de dois metros de altura tinha voltado para sua posição original com um sorriso nos lábios grossos, que Lara não podia identificar como sendo de satisfação ou puro divertimento. Qualquer um dos dois que fosse, ela sentia vontade de atirar algo pesado e preferencialmente pontiagudo bem no meio de sua testa.

Não houve muito mais comentários engraçados ou situações descontraídas naquela tarde. A tensão gerada mais cedo parecia ter se instalado como um véu sobre a sala número cinco, e os analistas que antes estavam cobertos de admiração, agora apresentavam um misto de desconfiança e apreensão. Devia haver algum motivo muito bom para Lara não querer que eles vissem o vídeo, era só o que podiam pensar. Mas longe de cada um exigir que ela continuasse. A reputação “esquentada” de Lara era famosa na Agência, e como eles viram em muitos dos vídeos naquele dia, era a principal causa para sua constante entrada em problemas.

Os olhos de Lara estavam ardendo e irritados quando o agente-armário de Knox se adiantou para sair da sala. Era simplesmente impossível não perceber que ele estava se movimentando e Lara olhou no relógio. Era o fim do expediente e ela nunca tinha se sentido tão feliz por ver o relógio acima da sala marcando seis horas. Ela dispensou os analistas extremamente jovens e seguiu o agente-armário para fora da sala. Ele devia estar contando os segundos para reportar tudo para Knox, mas Lara não estava muito afim de pensar naquilo naquele momento.

O elevador parou novamente no lobby de entrada e Lara quase se chocou com George na saída. Ele a esperava com uma pilha absurdamente grande de pastas nas mãos e um sorriso débil nos lábios.

-Carver! – os papéis escorregaram, mas ele os apanhou antes que pudessem cair. – Knox quer te ver de novo. Ele não parecia muito feliz, mas lhe deu cinco minutos para subir.

-O que ele quer agora?

O rapaz deu de ombros e saiu andando com passos curtos e rápidos enquanto Lara suspirava e se encaminhava até o elevador que levava à sala de Knox. Desta vez, ela não esperou. O elevador foi lançado para cima e quando se abriu no quinto andar, a porta da sala do supervisor estava aberta. Isso não era comum, na verdade nunca acontecia. Knox era bem claro quando se tratava de sua privacidade. Sua sala era uma das únicas regiões do prédio sem câmeras.

A surpresa da porta aberta pareceu irrelevante quando os olhos da agente encontraram a segunda surpresa. Um homem corpulento e careca, usando um elegante uniforme preto com linhas prateadas estava parado com as mãos nas costas diante da mesa de Knox.

-Nick? – Lara se apressou em corrigir – Senhor.

O homem se virou e abriu um sorriso largo que aqueceu o coração de Lara como uma xícara de chá no inverno.

-Lara. – sua voz ressonava dentro da sala oca de Knox e cada letra do seu nome enchia os olhos do supervisor de um fogo odioso.

-Pensei que estava em Moscou, senhor. – disse Lara em posição extremamente rígida.

-Eu estava. Passei por Paris na vinda para cá e, bem, acredito que seja por isso que precisamos conversar.

Lara sentiu um calafrio percorrer a espinha e repassou mentalmente todas as besteiras que já tinha feito em Paris, pensando qual delas podia ser o motivo de sua repreensão. Mas vendo a expressão furiosa de Knox, era pouco provável que aquelas fossem más notícias.

-Lara eu entendo que você está sob suspensão e que deveria permanecer assim por pelo menos mais uns dois meses, mas algo inesperado aconteceu.

Os olhos de Lara se iluminaram de esperança. Ela torcia por uma catástrofe mundial que pudesse tirá-la da suspensão mais cedo. Parecia que sua hora tinha chegado.

-Me ligaram em Moscou para reportar alguns eventos incomuns em Paris. Eu disse que estava ocupado e que chamassem um dos meus agentes. Dois dias depois, o bispo Claude me ligou no meu número pessoal e disse que era imprescindível que eu fosse para Paris imediatamente. Eu não podia recusar um pedido do bispo então me apressei e fui para Paris. – Nick se virou e caminhou até o fundo da sala. – O que vi lá, bem, eu posso seguramente dizer que nunca tinha visto nada assim em toda a minha carreira. A minha presença em Paris era requisitada porque uma série enorme de prédios históricos e, em especial, igrejas tinham sido atacadas por uma de nossas manifestações de energia.

-Quantos? – perguntou Lara ansiosa

-Mais de cinquenta. – Flint deixou a informação pairar por alguns segundos antes de continuar. – Embora o número das manifestações fosse completamente fora dos padrões, foi a qualidade da energia que gerou o problema. Eu nunca tinha visto uma manifestação tão escura e forte. Ela destruiu altares e obras e... – ele pausou por alguns instantes – matou o bispo Claude.

O queixo de Lara caiu. O Bispo Claude era um dos maiores pilares de apoio da agência em Paris e, além disso, era raro que ocorressem mortes em manifestações de energia.

-Eu não tinha nenhum analista com o nível de competência necessário para lidar com aquilo então informei que voltaria para Londres para recrutar uma equipe e voltar para Paris. Estamos lidando com algo inteiramente novo e infelizmente muito mais poderoso do que qualquer outra coisa que já enfrentamos. A energia escura que eu vi nas ruas e nas igrejas era somente o rastro de o que quer que seja que invadiu estes locais. E eu acho que foi algo físico.

Lara e Knox fizeram a mesma expressão de espanto, ainda que a de Knox o fazia parecer doente.

-Física? Nicholas, isso é impossível. Não existem manifestações físicas dessa magnitude. Como seria possível provocar um estrago em quase toda a Paris sem ser visto ou reconhecido?

-Eu acho que Claude o viu. E morreu por isso. Não sei quais são os motivos e porque esta coisa só se revelou agora, mas é por isso que estou aqui. Knox, eu quero você no local amanhã de manhã e o mesmo vale para Lara.

Knox parecia ter sido atingido por um balde de água fria.

-Mas a Agente Carver está suspensa do trabalho de campo!

-Não mais. Eu quero os meus melhores agentes lá e ela é a melhor que tenho.

Só o olhar de indignação de Knox já era suficiente para fazer Lara sorrir. Ela podia simplesmente abraçar Big Nick bem ali, mas pensou que talvez ficasse um pouco inapropriado. A emoção de voltar ao campo a preencheu de conforto e felicidade como ela não sentia há meses.

Knox foi para trás de sua mesa, andando como se estivesse a caminho da forca. Ele abriu uma gaveta bem próxima de onde ele normalmente se sentava. De lá, tirou a arma trabalhada feita de prata e carvalho escuro, que fez os olhos de Lara brilharem como os de uma criança no natal. Knox saiu de trás da mesa lentamente, propositalmente hesitando e entregou a arma para Lara sem dizer uma palavra.

Ela sorriu imensamente enquanto observava a perfeição do objeto. Tinha sido presente do seu pai, ou seria mais certo dizer herança. Seu pai morrera quando ela tinha 7 anos e, embora a vida de Lara nunca tivesse sido muito normal, ela poderia acrescentar à sua lista de coisas bizarras ganhar uma arma de prata ao invés de uma festa no seu aniversário.

-Muito bem então, quero que estejam prontos pela manhã e Knox...

Knox olhou para Nicholas temendo levar uma bronca.

-Leve artilharia pesada. Eu quero os seus melhores analistas com você.

-Senhor. – respondeu ele quase fervendo. Lara não pode deixar de notar que ele estava um pouco verde.

-Voltaremos para Paris de manhã. Peguem todo o material e façam as malas. Tenho a impressão que não voltaremos a ver Londres tão cedo – disse Nicholas.

-Agente Carver, se não se importa, eu gostaria de falar com Arthur a sós. Não se preocupe em preparar uma equipe. Já arranjei para que alguém a encontre lá.

Lara desviou os olhos do seu reflexo na arma polida.

-Alguém, senhor?

-Alguém Lara. – Nick sempre a chamava de Lara quando queria encerrar uma discussão. O tom o fazia parecer pai dela. E em muitos aspectos, era isso que ele era.

-Sim, senhor.

Ela fez uma reverência leve e teve que se conter imensamente para não apontar o dedo para Knox e rir. Ela podia imaginá-lo rasgando todos aqueles papéis que tinha preparado com tarefas maçantes para ela. Assim que virou de costas, deixou um sorriso levantar os cantos dos lábios e se encaminhou para o elevador, sentindo o coração pular dentro do peito.

Ela andou alegremente pelo hall principal e atraiu mais olhares do que se estivesse coberta de pintas verdes. Não era do feitio de Lara ficar de bom humor quando estava entre paredes gigantes e muito menos quando estava suspensa. E ela já não era exatamente sorridente.

Quando abriu a porta de vidro da sua sala Lara quase bateu de costas na parede com o susto. George estava debruçado sobre a sua mesa, catando uma porção de papéis que estavam empilhados em todos os cantos do lugar.

-Carver! – ele se levantou e seu rosto estava vermelho e suado. – Eu soube da sua liberação e pensei que você pudesse precisar de ajuda para tirar estes papéis daqui. Não posso dizer que estou feliz, afinal como eu disse você seria uma analista brilhante, não fosse o fato de que você normalmente quebra alguma coisa quando fica em uma sala por muito tempo, mas...

-George! – se Lara não o interrompesse, ele poderia continuar falando até o dia seguinte. – Como diabos você soube da minha liberação? Eu fiquei sabendo há cinco minutos!

-Ah bem, eu vi Big Nick chegando e eu soube que ele estava em Paris e o vi também conversando com o diretor e ele não pareceu nada feliz, ficou meio abalado e eu sei que só existe uma coisa que deixa Knox tão irritado: você. Logo depois você foi chamada e eu soube que tinha que ser algo importante para que o próprio Nicholas viesse e...

-Ok! Obrigada, eu entendi. – Lara suspirou - É verdade eu não estou mais suspensa e finalmente vou poder sair deste buraco de escritório. – George recuou um pouco, como se tivesse apanhado – Ah não, George eu não quis dizer você, sabe? Eu só não gosto da burocracia e tudo mais, você entende.

-É eu sei. – ele respondeu um pouco desanimado.

-Bem, mas eu estou indo para Paris agora e tem algo estranho acontecendo por lá.

-Estranho? – o desânimo desapareceu tão rápido quanto veio. – Estranho como?

-Nick disse que viu algumas manifestações mais pesadas por lá. – Lara não queria falar mais nada. Nem mesmo Nick sabia do que se tratava e ela não confiava muito na capacidade de George de ser discreto. – Bem eu preciso ir para casa. Tenho que me preparar e esse tipo de coisa.

-Ah claro. Você acha que estará de volta logo?

George parecia realmente um adolescente imbecil. Lara nunca tinha sido uma adolescente, então ela não era exatamente a melhor pessoa para julgar. Entrou na Academia com 16 anos e só ligava para ser exatamente como seu pai.

-Acho que sim. Não vejo porque ficaríamos muito tempo por lá. – mentiu. Ela não pretendia chatear George mais do que o chateava normalmente. O pobre garoto era sobrinho de Nicholas e seu emprego não era melhor do que o de um mensageiro comum. Lara sabia que ele tinha certas esperanças de se tornar um agente de campo, mas ele não tinha a linhagem ou a habilidade necessária para isso. Ainda assim não seria certo acabar com suas expectativas.

Lara se despediu mais uma vez e se encaminhou para a saída. Ela ainda não conseguia acreditar que Nick tinha surgido como um cavaleiro em armadura brilhante para tira-la daquele pesadelo com o rosto de Knox e seus intermináveis relatórios. Enquanto caminhava para fora da Torre Oval, Lara parou para pensar no que Nick tinha dito. Ela estava tão ocupada em ficar feliz por sair da suspensão que não absorveu muito bem o significado das suas palavras.

Lara nunca sequer tinha ouvido falar das coisas que Nick descreveu. E pelo tom que ela conhecia tão bem, ele estava escondendo bem mais do que queria dar a entender. Lara ficou preocupada ao pensar nos motivos que Nicholas teria para esconder qualquer coisa dela. Ele sempre tinha sido muito honesto, fora ele quem contara a Lara quando seu pai morreu e ele sempre fazia questão absoluta de lhe dar as más notícias pessoalmente.

Uma motocicleta prateada passou zunindo na frente do carro de Lara, tirando todos os pensamentos sobre Nick da sua cabeça para dar lugar a uma boa série de xingamentos que ela proferiu sem que fizessem qualquer efeito. Ela passou a mão pelos cabelos desgrelhados enquanto pisava mais fundo no acelerador quase atropelando um grupo de turistas desorientados. “Essa seria uma boa adição para a minha ficha”. Nick vivia

dizendo que o temperamento de Lara ainda ia colocá-la em problemas sérios. Lara ria só de pensar nesta frase.

Lara estacionou o carro bem perto da calçada da casa branca. Já estava escuro e a noite estava praticamente sem estrelas. Indicação de mau tempo. Não que ela precisasse disso para saber que ia chover em Londres. Olhando satisfatoriamente para a arma pendurada na cintura, ela saiu do carro e trancou-o com um 'blip' do alarme. Seus olhos correram pela rua antes que ela a atravessasse.

Lara se deteve na porta de casa. Algo a incomodou profundamente e ela sentiu-se inquieta repentinamente. Suas mãos se detiveram no código de acesso antes que ela pudesse digitar os sete números. Quando a porta se abriu, não fez o costumeiro barulho que indicava que estava sendo destrancada.

Lara pegou sua arma. Ela não funcionaria em humanos, mas ela não estava preocupada com humanos. Suas mãos se firmaram no gatilho e ela empurrou a porta.

Seus braços e a arma entraram antes que seu corpo pudesse seguir e ela andava como um felino antes do ataque. Cruzou a entrada passando pela cozinha enquanto balançava os braços para cobrir a maior área que podia. A geladeira e as gavetas estavam abertas.

Lara estremeceu. Continuou a lenta caminhada até chegar na sala de estar. Nada estava diferente por lá.

Um barulho chamou sua atenção, vindo de dentro do quarto. Ela ouviu passos.

Lara se esgueirou na primeira parede que viu e esperou que os passos se aproximassem. Um assobio estava seguindo o barulho de borracha contra o seu impecável chão de madeira e ela se preparou para sair de trás da parede.

Ela projetou o rosto um pouco para frente para tentar ver melhor o corredor, mas só teve tempo de ver um par de tênis brancos virando à direita. Seu corpo girou noventa graus para tentar olhar o outro lado da parede e seu braço acabou se chocando com algo terrivelmente duro. Um baque de algo sendo jogado ao chão a assustou e ela correu para dentro da sala.

-Ei Lara. – um homem estava deitado no tapete, a camisa coberta de geléia e uma das mãos esfregando os cachos escuros. – Também senti sua falta.

-Jason? – Lara abaixou a arma, mas não a largou. Ela se aproximou do homem como se ele fosse um animal perigoso – O que diabos você está fazendo na minha casa?

-Sabe, há alguns anos atrás – disse ele enquanto se levantava – você nunca pensou que faria essa pergunta não é? Pare de me olhar assim. E, em nome de tudo que é mais sagrado, quer fazer o favor de largar essa arma?

-Nada é sagrado pra você Jason.

-É verdade. – ele sorriu e se aproximou. – Irônico, mas verdade. A propósito, você precisa fazer compras. Eu tenho que me virar com meio vidro de geléia e um saco de pães mofados. Como se a comida aqui não fosse ruim o suficiente.

Jason estava sorrindo e andando para a cozinha com as costas curvadas, tentando impedir que a geléia fosse diretamente da sua camisa para o chão. Lara o observou enquanto ele andava. Ainda estava assustada, mas teve que sorrir.

-Deixando meus hábitos de compra de lado – ela colocou a arma no balcão da cozinha – o que você está fazendo aqui?

-Eu me cansei de Budapeste. Não tem nada para fazer.

-Eu não quis dizer em Londres, seu imbecil. Na minha casa.

-Ah! – Jason tirou a camisa e a jogou na pia. – Para onde mais queria que eu fosse?

-Para a casa do seu pai, talvez?

-Neh. Ele não deve estar muito afim de me ver.

-E o que te faz pensar que eu estou?

Jason sorriu e passou o dedo pela faca de geléia.

-Bem, você não me expulsou ainda não é? – Lara revirou os olhos e se sentou. – Além do mais, eu vim te ajudar a arrumar as malas.

-O que? – Lara engasgou com ar.

-Você vai para Paris não vai?

-Como você sabe?

-Lara – ele lambeu os dedos sujos de geléia – Eu sei de tudo. Eu já sabia o que estava acontecendo em Paris antes de Nick.

-Fascinante. E o que pretende fazer a respeito?

-Bem, eu vou com você. – ele sorriu enquanto Lara novamente quase engasgava com nada.

-Você ficou maluco? Você nem trabalha pra nós!

-Bem, não mais. E de qualquer maneira, eu ainda sou tão bom quanto você.

-Não foi isso que eu quis dizer. – Lara se levantou e foi até a janela oposta à mesa. Ela estava distraída observando os acontecimentos de sua rua, onde nada nunca realmente acontecia. Ela baixou os olhos.

-Porque você voltou, Jason? – seu tom de voz era quase inaudível. Jason suspirou e passou a mão pelos cabelos rebeldes.

-Eu senti falta disso. Não da Agência, mas de poder caçar e não ser perseguido. – ele parou e ajustou o corpo na cadeira. – Eu senti sua falta também.

Lara sorriu sem que ele visse. Ela deu uma risada baixa e virou-se novamente para ele. Ela sempre tinha invejado seu jeito despreocupado. Quando trabalhava na Agência, Jason não se importava com as punições de Knox ou com as broncas que levava por não seguir o manual à risca. Todos reconheciam o seu talento e ele conseguia escapar de quase tudo. Mas sua rebeldia tinha ido longe demais. Lembrando-se de tudo que aconteceu, o rosto de Lara se fechou em uma expressão de raiva reprimida.

-Você fugiu. Para onde você foi?

-Eu não fugi, Lara. Ser um agente devia ser uma opção, não uma obrigação. Eu simplesmente não queria isso para mim. Eu realmente duvido que você ache isso tão difícil de entender.

Não, não era difícil. Mas ela sentia raiva mesmo assim. Como ele podia simplesmente ter ido embora? Abandonado tudo que conhecia, saído pelo mundo sem nenhuma perspectiva ou dinheiro? Talvez, parte dela invejasse sua liberdade. Mas a maior parte se ressentia por ele tê-la deixado.

-O que acha que vai conseguir em Paris? – ela perguntou, em tom neutro.

-Eu não sei. Esperava que você pudesse me dizer mais. Mas você parece bem mais confusa do que eu. – Lara entortou o nariz.

-Eu acabei de saber. Não me importei tanto com as informações, eu só estava feliz de não estar mais suspen... – ela parou e arregalou os olhos com uma expressão de quem tinha falado demais. Jason soltou uma gargalhada e voltou a se sentar.

-Ah, Carver. Suspensa de novo? Sinceramente eu não sei como você sobreviveu tanto tempo à demissão. Você parece causar mais problemas do que eu nos meus piores dias.

-Não exagere. – ela estava séria, mas era fácil ver que estava escondendo um sorriso. – De qualquer maneira, eu não tenho mais nada. Mas devo admitir que estou curiosa. O que você sabe sobre isso?

-Minhas fontes em Paris me disseram que nunca viram nada igual. A morte do Bispo foi bem abafada pelas autoridades, mas eu não acho que a Agência vai conseguir controlar os danos dessa vez. Civis viram igrejas seculares serem destruídas de dentro para fora, simultaneamente. A Agência pode achar que encontrou todo mundo, mas eu duvido.

-Espero que a minha viagem esclareça isso.

-Nossa viagem, Lara. – Jason falou com um sorriso maroto nos lábios. Lara suspirou e pegou a arma.

-Seu pai não vai ficar feliz.

-É, eu sei.